

DESENHO COMO MODO DE OCUPAR O ESPAÇO

RAFAELA BARBOSA RIBEIRO¹; HELENE SACCO GOMES²

¹ Universidade Federal de Pelotas – rafaelabribreiro@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – sacco.h@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte de minha pesquisa de Mestrado com bolsa CAPES no Programa de Pós-graduação em Artes da UFPel. A proposta é abordar brevemente sobre um dos meus trabalhos mais recentes nas artes visuais contemporâneas chamado *Projeto Piloto n°2 - Fase 1*, apresentado na exposição Dobradiça, laboratório de avaliação final da disciplina mista de mestrado e doutorado Seminário Avançado de Pesquisa em Processos de Criação e suas interlocuções teórico-práticas.

Para contextualizar, venho pesquisando articulações entre o desenho e o espaço, em sua tridimensionalidade e atravessamentos, desde 2017. *Projeto Piloto n°2 - Fase 1* faz parte e atualiza essas elaborações tratando ainda sobre o desenho (na ocasião, vinculado à escrita) e o espaço (especialmente o espaço público, mas também na forma de ocupação do próprio espaço expositivo em questão).

Indo ao significado do termo bastante utilizado fora do campo artístico, "projeto piloto" se refere às primeiras apostas de um serviço, de uma proposta ou de uma construção em diversas áreas. Nesse sentido, me aproprio dessa ideia para pensar numa série de projetos que propõem bancos e locais de descanso e convívio públicos em espaços urbanos, entendendo-os como apostas iniciais para uma cidade que propicie o encontro e a comunhão (HOOKS, 2021). Cada projeto é numerado e dividido em fases de produção e se relaciona a um contexto urbano específico. O trabalho que irei me debruçar neste resumo trata da primeira fase do segundo projeto, ou seja, desenhos grandes de caneta preta sobre papel tamanho A1, dispostos na parede de sete metros de comprimento da Galeria de Arte da Universidade Federal de Pelotas. O projeto habita, assim, o campo do possível, como uma invenção do cotidiano a partir do desenho.

2. METODOLOGIA

A pesquisa insere-se no campo das Artes Visuais, na linha de pesquisa de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, que entende a prática artística como um fazer singular, no qual o artista define seu próprio modo de criação (PAREYSON, 1991, apud REY, 2002). Nesse sentido, Lancri (2002) destaca que o modelo de tese em artes é flexível e se reinventa a cada investigação. Assim, a produção artística se constitui a partir do fazer e da experimentação do próprio artista. A pesquisa em Poéticas se evidencia pela observação do processo de criação e por interlocuções entre referências teóricas e práticas.

Utilizo o conceito de fabulação, proposto por Deleuze e Guattari (2010), como uma chave para compreender minha forma de intervir no espaço por meio do desenho. A fabulação consiste em criar narrativas que rompem com padrões estabelecidos e abrem espaço para “mundos impossíveis”, funcionando como um dispositivo de transformação do que está dado. Minha relação com o espaço se

constrói através das linguagens gráficas, especialmente o desenho e a palavra, que atuam simultaneamente como modos de pensar e de agir. Na dissertação de Wes Viana (2023), a pesquisadora aprofunda o conceito de fabulação em Deleuze, destacando a ausência dessa discussão no campo das artes visuais e apontando que “[...] na filosofia deleuzeana fabulação e criação são indissociáveis, juntas elas formam uma fabulação política de forças ativas e reativas do mundo.” (Viana, 2023, p. 94). É nesse ponto que encontro uma ressonância: a combinação entre desenho e espaço se configura como um gesto político e crítico, capaz de engendrar diversas potências de transformação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao definir o local desejado para construção do *Projeto Piloto nº 2* (figura 1), uma via pública alargada e de intenso convívio de estudantes, o Largo do Bola (UFPel), determinei que naquele lugar os bancos de concreto teriam formato de letras e que consequentemente comporiam uma palavra. Assim, a escolha das letras se deu pela palavra escolhida: obstáculo, que nesse contexto se torna metalinguístico, onde a construção que acaba por impedir a passagem, também diz sobre a própria condição de barrar, de ser um obstáculo nos caminhos dos transeuntes. Além disso, a proposta é também apresentar outras formas de se relacionar, de uma maneira mais poética e sensível, com aquilo que nos impede ou atrapalha: e se for possível descansar no obstáculo? Conviver com ele por outra perspectiva? Como se apropriar dele para construir outras palavras, outras ordens, outras possibilidades de enxergá-lo? No limite, não é o que fazemos com os empecilhos da vida?

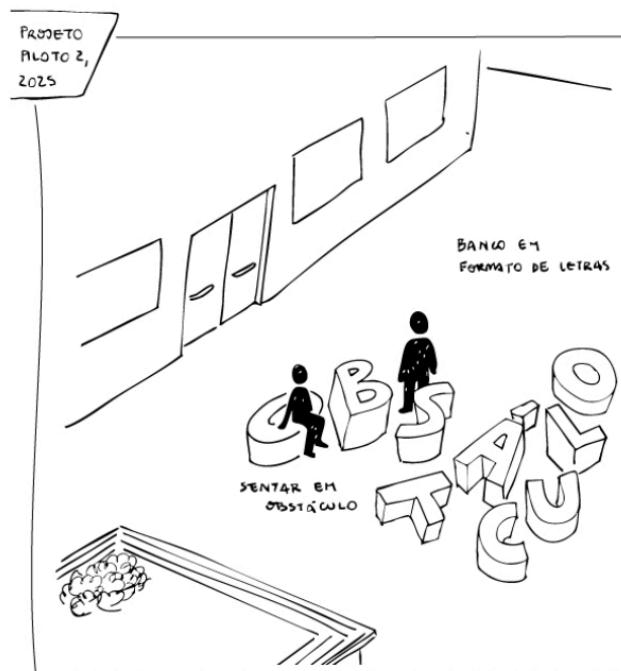


Imagen 1. Esquema de *Projeto Piloto nº 2*, 2025. Fonte: Acervo pessoal.

Percebendo as necessidades burocráticas, como autorizações, fomentos e parcerias, dividi o *Projeto Piloto nº 2* em fases. A fase inicial, da qual estou apresentando neste resumo, são as elaborações em desenho (Figura 2). Nesse

sentido, a metodologia também se dá através desta linguagem gráfica, que não tenta projetar resultados fiéis e nem são visões de uma forma ideal a ser executada posteriormente. São, como diz Godoy, projetos que não se projetam, mas se fazem projéteis, disparadores (Godoy, 2013, p. 86), que se mantém como propostas em estado de potência, em suspensão.

Para desenvolver os desenhos das letras em formatos grandes e simétricos, realizei alguns rascunhos e uma pequena maquete em massa modelável para analisar os ângulos e perspectivas que gostaria de trazer aos desenhos. Desde o início era importante apresentar essas letras enquanto volume, trazendo linhas diagonais e verticais que trouxessem a intenção da tridimensionalidade. Desenhei com lápis e caneta preta sobre folhas de papel couchê de tamanho A1 (59 x 84 cm) e algumas letras ocuparam duas ou três folhas. Durante a feitura, o desenho exigiu que eu utilizasse todo o meu corpo para conduzir os riscadores pelo papel, carregando o risco ao dar passos ao lado da mesa que estava servindo de apoio, e ao esticar e rotacionar o braço para completar a forma. Ao final, foram utilizados quinze papéis para desenhar as nove letras e um acento, que em conjunto foram apresentados na exposição Dobradiça na Galeria A Sala em agosto de 2025.

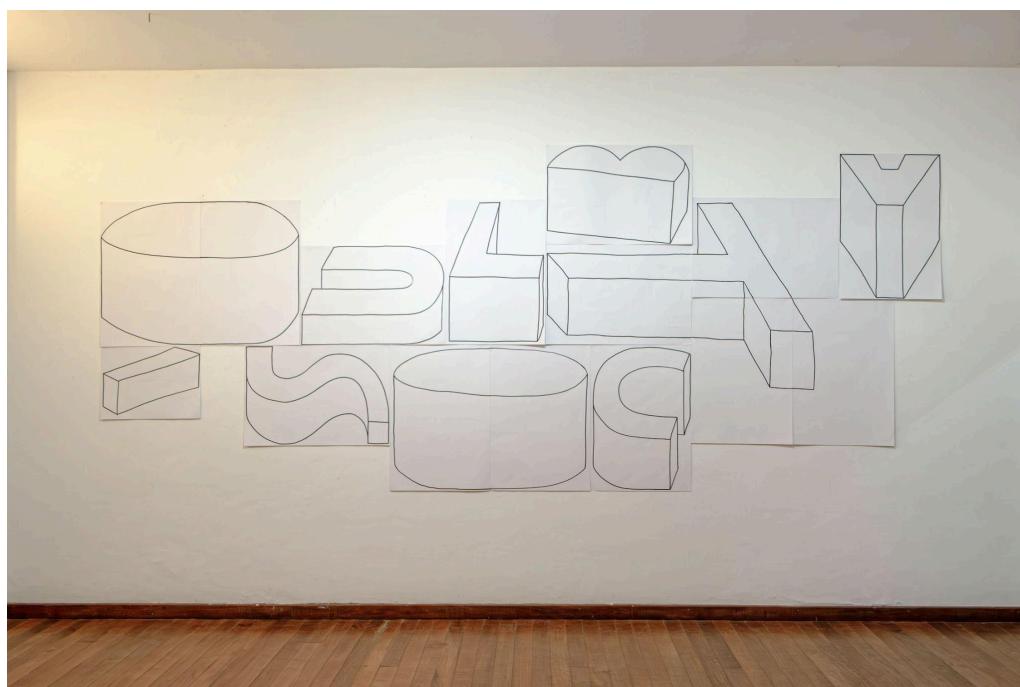


Figura 2. *Projeto Piloto nº 2 - Fase 1* na exposição Dobradiça, 2025.
Foto: Hamilton Bittencourt.

A partir do retorno que recebi das pessoas que visitavam a exposição, percebi também a potência dos signos da escrita, que possibilitaram criar um vínculo e uma conexão com os visitantes muito maior do que se fossem desenhos de figuras geométricas. O convite à leitura, que a simples aparição das letras faziam, tornava este um trabalho para ser lido, para se demorar em frente a ele. A bagunça visual se tornava também uma camada de “obstáculo” no trabalho, mas que igualmente poderia propiciar outras coisas a partir dele, como a criação de outras palavras e de outros entendimentos.

4. CONCLUSÕES

Apesar da bidimensionalidade da *Fase 1* do *Projeto Piloto nº 2*, a experiência era de estar diante de algo que ocupava um espaço maior que apenas o papel. Era preciso circular pelo espaço para ver em sua totalidade, dar passos para trás, para o lado, levantar a cabeça, procurar os limites da parede. Assim, o trabalho conduzia uma ocupação do espaço através das pessoas que o miravam e, nesse sentido, se fazia presente mesmo que de uma maneira mínima de intervenção. Isto demonstra a potência de monumentalidade do desenho de criar lugares e ocupar espaços. O desenho interfere na maneira como o espaço é percebido e usado. Ele convoca o corpo (individual e coletivo) a imaginar outro modo de usar aquela parede ou aquela via. Trata-se de um gesto pequeno, mas que reposiciona o olhar e desloca a ordem funcional da arquitetura. Nisso está a dimensão política (e fabulatória) do trabalho, que não denuncia diretamente a ausência de espaços de convivência, por exemplo, mas propõe indiretamente pela invenção de lugares mais agradáveis e propícios ao encontro, criando relações e vínculos pelo olhar prolongado ao desenho do e no espaço.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.
- GODOY, Vinícius. O que o desenho nos propicia? **Revista-Valise**, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. [sem paginação], jul. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaValise/issue/view/2160>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Trad. Stephanie Borges. Rio de Janeiro: Elefante, 2021.
- REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (orgs.). **O meio como ponto zero: metodologia de pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p. [sem paginação].
- LANCRI, Jean. Colóquio sobre metodologia da pesquisa em Artes Pásticas na Universidade. In: BRITES, Blanca e TESSLER (orgs.). **O meio como ponto zero: Metodologia de pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- VIANA, Wes. **Fabulação na arte contemporânea brasileira: cartografia de artistas visuais**. 2023. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em História e Letras) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza.